

## OPINIÃO

Vitória (ES), sexta-feira, 18 de setembro de 1998 - 5

*Educação especial*

MAGNO DE AGUIAR MARANHÃO

Muito se tem falado sobre as carências do sistema educacional brasileiro, mas poucas vezes é mencionado o seu primo pobre — a educação especial. Muito menos são reivindicadas melhores condições para esse segmento que, ao contrário do que parece à primeira vista, abrange um número significativo de brasileiros.

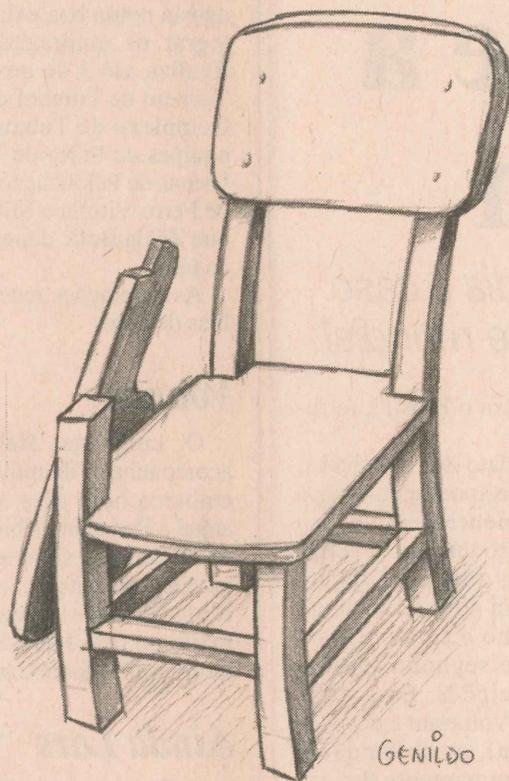
Segundo os últimos dados oficiais disponíveis do Censo escolar de 97, promovido pelo Ministério da Educação, existem 6 milhões de crianças e jovens em idade escolar com algum tipo de deficiência. Quase 95% deles não têm atendimento especializado — estão matriculados em escolas regulares ou não estudam.

A educação especial brasileira atinge somente 334.507 deficientes, quase a metade deles (161.725) através de escolas particulares — as demais são federais, estaduais e municipais. Ou seja o poder público praticamente ignora o problema.

Além do reduzido número de escolas especializadas, o rendimento não é o ideal, como indicam as poucas matrículas no ensino médio, em comparação com os números dos graus anteriores: 85.863 alunos no pré-escolar, 135.299 no fundamental e 2.091 no antigo 2º grau. Como se vê, poucos alunos conseguem a promoção.

Apenas 43% dos municípios brasileiros oferecem algum tipo de serviço educacional aos deficientes, o que se espera que mude radicalmente em breve, já que a responsabilidade de educar essa clientela passou para as prefeituras, em função da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Temos também de olhar com carinho a situação dos superdotados: eles são cerca de 180 mil na faixa até 19 anos, mas menos de 2 mil recebem atendimento especializado. Ainda segundo o MEC apenas 6 Estados e o Distrito Federal têm sistemas para identificar as crianças e jovens superdotados e oferecer-lhes o



### SABEMOS TODOS DAS DIFICULDADES ORÇAMENTÁRIAS, EM ESPECIAL DA EDUCAÇÃO

atendimento especial de que necessitam.

A maioria dos superdotados, portanto, sequer é identificada. E sem receber estímulo adequado, o mais provável é o desperdício das habilidades, com as quais muito poderiam lucrar os próprios jovens, seus familiares e o país.

Sabemos todos das dificuldades orçamentárias do Brasil, em especial da educação. Mas

não podemos abandonar o grande contingente dos especiais à sua própria sorte, como se fossem um estorvo. Pelo contrário, precisamos investir nesse grupo, nem que seja apenas por uma questão humanitária. Mas o fato é que esse investimento certamente, terá retorno para a sociedade.

É preciso instalar escolas para educação especial. A tendência atual é de defender a integração desses alunos com os demais, assistindo às aulas nas classes comuns. Mas, para isso, as escolas precisam passar por adaptações arquitetônicas, além de terem salas de recursos e oficinas pedagógicas. É uma questão de opção. Só não se pode aceitar o imobilismo.

A comunidade também pode e precisa ajudar. Grandes empresas poderiam patrocinar escolas especiais, já que adotam praças e animais do zoológico. Entidades religiosas poderiam dedicar-se mais à questão. O povo em geral poderia contribuir (donativos ou mão-de-obra voluntária) com instituições privadas, sem fins lucrativos, que cuidam do assunto. Além, é claro, de pressionar deputados, senadores e demais autoridades para liberarem verbas para projetos sérios nesse campo.

No bairro de Cangaíba, em São Paulo, há um bom exemplo de como a comunidade pode suprir o descaso oficial. Em um espaço cedido pela paróquia, os pais montaram um núcleo de atendimento especial, atuando eles mesmos como orientadores. A Apae (Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais) dá assessoria gratuita e cerca de 150 famílias já foram atendidas, desde 1985.

Muita gente acha que apenas instituições especializadas podem fazer algo e, por isso, cruza os braços. Mas não é bem assim. Só o fato de tirar os excepcionais de casa e colocá-los em contato com outras crianças, socializando-os, já é um grande passo.

Não vamos nos esquecer dessa gente, brasileiros como

■ **MAGNO DE AGUIAR MARANHÃO** é reitor do Centro Universal Augusto Motta (RJ)